

Notas do encontro dos formandos dos Colegiais com Davide Prospero e Matteo Severgnini

Sagrado Coração (Milão) e por videoconferência da Itália, 31 de maio de 2023

Davide Prospero. Bem-vindos. Hoje estamos aqui para o encontro que fazemos todos os anos com os formandos. É um momento importante da vida de vocês, e então também da nossa, porque o que será de vocês é importante, tanto por todo o caminho que fizemos juntos, quanto por tudo o que faremos, pois todo fim é também um começo. Então, quando se acaba algo, é justo ajudar-se a julgar o que se viveu, para levantar todas as perguntas sobre o que ainda não se conhece, pois tem em si muitas incógnitas, muitas perguntas, até dúvidas. Temos de nos ajudar a olhar com verdade para o que nasce no nosso coração diante do passo que estamos vivendo, que vocês estão vivendo.

Em primeiro lugar, queríamos apresentar-lhes o padre Francesco, por dois motivos: o primeiro é que ele é o responsável do CLU (Comunhão e Libertação Universitários), então ele acompanha toda a realidade dos universitários. Muitos de vocês vão fazer faculdade, talvez não todos, e então vão se reencontrar. Por isso é também uma coisa bonita vocês terem desde agora a possibilidade de se conhecerem. O segundo motivo é que ele vai conduzir a JMJ e a peregrinação que será feita em Lisboa. É um padre da Fraternidade São Carlos a quem eu pedi que se mudasse para Milão.

Francesco Ferrari. Olá. Vou me apresentar, porque acho que nunca nos encontramos, se não me engano. Meu nome é Francesco, sou da Região da Emília e sou um padre da Fraternidade São Carlos Borromeu. Eu rodei bastante na vida: fui em missão para o Canadá, Santiago do Chile, nos últimos anos estive em Roma, e depois Davide, como lhes disse, em agosto passado me pediu que viesse para Milão a fim de acompanhar o caminho dos universitários do Movimento, coisa que estou fazendo com grande alegria e gratidão. É um caminho maravilhoso, pelo qual agradeço a Deus. Pediram-me que acompanhasse a proposta do Movimento de participar da Jornada Mundial da Juventude (Lisboa, 1-6 de agosto de 2023). Sei que muitos já se inscreveram, mas digo estas coisas também para quem ainda não esteja inscrito e queira fazê-lo, pois ainda há a possibilidade de fazê-lo. Por que este gesto? Por que o fazemos? Há muitos anos que o Movimento propõe aos formandos e formados um momento de peregrinação para entregar a vida a Deus nesta fase de passagem tão delicada, tão bonita e importante. Fase de passagem cheia de perguntas, como espero, tenho certeza, todos vocês têm: o que vou fazer? o que vou ser? o que me aguarda? qual é o desígnio sobre a minha vida? como posso construir algo grande, belo, com a paixão que tenho, com meu desejo de estudar aquela coisa, com o trabalho? É um momento para encarar todas essas perguntas, que no fim se resumem, de verdade, numa só: o que sou chamado a me tornar, a ser? A JMJ é uma ocasião para encará-las juntas, para apresentá-las a Deus, no sentido de confiá-las, entregá-las a Alguém, e fazê-lo juntas. Normalmente se faz uma peregrinação até Czestochowa, exceto nos anos em que o Papa chama os jovens para a JMJ, se for factível, se for uma meta alcançável.

Este ano, dado que o Papa fará a JMJ em Lisboa, qual é a ideia? Viver esse momento de entrega num gesto concreto de pertencimento à Igreja, o que é muito bonito, porque nós podemos confiar a Deus a nossa vida, as perguntas, o que somos, porque podemos confiá-las a uma companhia, a uma história precisa, que é a história da Igreja, a história da nossa amizade. O que vamos fazer juntos? Nosso desejo é que consigamos manter, além dos dias com o Papa em Lisboa, também alguns momentos de entrega explícita a Nossa Senhora, num santuário. Serão dias pesados, digo desde já, muito bonitos mas muito empenhativos. São nove dias no total. Iremos de ônibus e faremos uma primeira parada em Lourdes (esses momentos também servirão para encarar as perguntas que temos). Dormiremos lá. Depois iremos até Lisboa e ficaremos aí por quatro dias junto com o Papa, seguindo o que ele fizer (cada dia haverá um gesto junto com ele). Em Lisboa também vão se juntar a nós os universitários e alguns ex-Colegiais da Espanha, de Portugal e da Polónia, mais alguns grupinhos espalhados aqui e ali, da Alemanha e da Áustria. Vai ser bonito, seremos mil pessoas, também por isso será empenhativo, mas muito bonito. Depois dos dias em Lisboa, faremos uma peregrinação de um dia

até o santuário de Fátima, no Norte de Portugal, e de lá voltaremos para a Itália. Este é o programa. São muitos os inscritos, cerca de 600. Decidimos criar uma lista de espera se alguém ainda quiser inscrever-se. O que significa uma lista de espera? Que depois vamos achar um jeito para todos irem, mas precisamos nos organizar um pouco. Não é fácil, mas vamos achar um jeito.

Matteo Severgnini (Seve). Obrigado, Fra (Pe. Francesco). Eu sou Seve, prazer. Não vou apresentar o Davide porque ele já se apresentou. Eu queria introduzir este momento, esta assembleia, que me parece ter uma importância vital – e o Fra também deixou isso claro, com a proposta da JMJ –, pois é um momento especial e muito bonito, tanto o que vocês estão vivendo, tanto o que vem pela frente. Eu me lembro de uma coisa, estou pensando em quando escolhi a faculdade em que me inscreveria. Fui estudar Filosofia, e o desejo que me movia era a possibilidade de estar diante da verdade que eu tinha encontrado durante os anos da escola. Então fui conversar com meu pai, Cecco, todo feliz porque eu tinha descoberto aquilo para o qual tinha sido feito, mais do que pelo futuro imediato, e lhe disse: “Pai, então eu decidi, vou fazer Filosofia”. Ele me olhou e me disse: “O quê?” “Vou fazer Filosofia.” “Ou seja?” “Vou estudar a verdade, porque o pensamento...” Então ele pôs uma mão no meu ombro e me disse: “Amanhã vou te botar no trator, vou te mostrar o que é a filosofia”. Depois, quando viu que meu coração batia de verdade por aquilo, ele me disse: “Vai!” E eu estudei filosofia. E a partir daquele aspecto eu descobri mais sobre mim mesmo, sobre a realidade e a amizade que me ajudava a caminhar. Esse foi um desafio maravilhoso. Como eu disse antes, esse foi um momento maravilhoso, muito especial e bonito, pois me abriu para uma aventura. Se vocês estão lendo *O senso religioso*, devem ter percebido que Giussani fala dessas perguntas estruturais, que são o tecido da nossa humanidade. E essas perguntas são despertadas pelo impacto com a realidade. Para vocês, a realidade se faz tão premente, que penso que todos vocês estão aqui com essas perguntas estruturais: que significado minha vida tem? o que o bom Deus está me chamando a fazer? o que será de mim, de todo o meu desejo, de todos os meus talentos, de todas as minhas inclinações? o que será de mim? Então hoje queremos estar diante dessa estrutura, desse tecido humano que está vindo à tona em vocês. E fazemos este caminho ajudados pelo Davide. Então vamos começar. Teremos participações de pessoas aqui presentes e conectadas, a quem cumprimentamos. Os formandos estão conectados de toda a Itália, todos agitados com suas perguntas. Então vamos começar, dando precedência aos conectados.

***Participante.** Olá a todos; queria dizer que eu também vou estudar Filosofia. Eu refleti um pouco, perguntando-me onde é que o Mistério me chama e que tarefa eu tenho na vida. Esta manhã mesmo foi a última aula de religião na escola. No fim da manhã, o professor nos disse: “Pessoal, este é o último sábado, a última aula”. Os outros se despediram dele e foram em direção à saída, felizes por poderem ir embora da escola depois de cinco horas de aula e aparentemente não pareciam muito interessados no que o professor tinha dito. Já eu parei com a mochila às costas e não pude deixar de me comover diante dos cinco anos maravilhosos que passamos com ele e, pensando no fato de que tudo estava terminando, uma fase da minha vida estava chegando ao fim. Agradei ao professor e, indo até o carro, pensava em todas essas coisas e chorava. Eu estava felicíssimo com as experiências maravilhosas que vivi e com o que sou agora: um rapaz curioso e aberto à possibilidade de ser surpreendido pela realidade. Acho que é este mesmo o sentido da minha vida: dizer sim ao que me circunda, a partir das propostas de um amigo que quer conversar, uma noite dançando ou cantando, um abraço dos meus pais; enfim, qualquer coisa que me faz sentir amado e irredutível. Estou constantemente em busca de algo que possa fazer com que eu não viva passivamente as circunstâncias, empurrando tudo com a barriga. Eu tenho de responder aos milhares de possibilidade de beleza e de bem que colorem o meu dia a dia. Ainda não tenho claro qual é exatamente a minha tarefa. Mas estou à procura constante e o mistério da vida me chama a procurá-lo.*

Severgnini. Reajo imediatamente ao que você disse, porque descreve uma posição humana totalmente desejável. E parafraseando o que você estava dizendo, me veio à mente o fato de que a

posição humana que nos é sempre solicitada, que desejamos e que vocês, neste momento, percebem principalmente, é a de poder entrar na realidade de olhos abertos e coração aberto. Olhos abertos e coração aberto. Poder pedir para entrar na realidade com esses olhos curiosos, como ele disse, e com esse coração que, desperto pela realidade, se encontra dizendo sim. Isso me impactou porque ele disse: “Acho que esse é o sentido da minha vida: dizer sim ao que me cerca, a partir das propostas de um amigo que quer conversar, de uma noite para dançar ou cantar, de um abraço dos meus pais, enfim, qualquer coisa que me faça sentir amado e irredutível. Estou constantemente em busca de algo que me faça viver e não apenas sofrer passivamente as circunstâncias.” Esse é o desejo urgente de um coração que desperta no impacto com a realidade. Ele desperta. É paradoxal. Vocês chegam a um momento de conclusão, como ele diz, após cinco anos. E no final desses cinco anos, alguém pode levar consigo a decepção do fim de algo, ou pode ser grato até as lágrimas, como ele disse, por esse tempo que o abriu para a realidade, para a busca de um significado, para a urgência de um significado, para descobrir o seu próprio conteúdo. E me impressiona: tudo se torna uma oportunidade. Em seu testemunho, isso fica evidente, tudo se torna uma oportunidade. Isso me pareceu um ponto de abertura interessante.

Prosperi. Belo, eu destaco outro aspecto que me chamou a atenção no que nosso amigo disse, quando no início questionou como ele chama o Mistério e qual é o seu propósito na vida. O que me surpreendeu foi essa abordagem. Qual é o meu propósito na vida? Essa já é uma pergunta que não sei quantos da sua idade fazem nos mesmos termos. Normalmente, alguém se pergunta: “O que farei? Como posso fazer algo sem ser enganado pela vida? Como posso ter certeza de que, ao escolher uma coisa, não estou perdendo outras oportunidades mais bonitas?” Essas são as perguntas que normalmente surgem. Se vocês saírem e perguntarem para vinte jovens da idade de vocês, aleatoriamente: “Desculpe, mas se eu te fizer essa pergunta: ‘Para o que o Mistério te chama na vida?’, o que você me responde?” Tente. Certamente haverá alguém em quem essas palavras ressoarão, mas haverá certamente outros, infelizmente temo que a maioria, que dirão: “Mistério?! Que mistério? O que é?” Porque para poder questionar: “Para o que o Mistério me chama na vida?”, alguém deve ter vivenciado que há um Mistério que sustenta a vida. E que esse Mistério é algo pelo qual se pode querer dar a vida. Mas para dar a vida ao Mistério (Mistério significa que eu não o conheço completamente, não posso conhecê-lo completamente), alguém deve vivenciar o fato de que esse Mistério, esse “tu” misterioso que entrou em minha vida, é um bem. É um bem, é uma possibilidade de bem para mim. E então, se temos certeza de que há esse Mistério, que esse Mistério é um bem e é um bem para mim, é para mim, não estamos mais sozinhos e, portanto, temos menos medo do futuro.

Severgnini. Continuamos com uma pergunta que diz respeito às circunstâncias inevitáveis que foram mencionadas no livro *A voz única do ideal*. “O padre Giussani diz: ‘A circunstância inevitável é cem por cento, com certeza absoluta, indicadora do caminho a percorrer. Portanto, não existe nada mais amigo, mais facilmente amigo nosso, do que a circunstância inevitável, do que o fato’” (L. Giussani, “Férias dos pré-universitários”, 1964, apud J. Carrón, *A voz única do ideal*, Lisboa: Paulus, 2018, p. 25).

Participante. *Olá, eu gostaria de fazer uma pergunta sobre o texto “A voz única do ideal”. Não consigo entender a parte que fala sobre a circunstância inevitável. Junto com o grupo dos formandos, conseguimos encontrar um exemplo: quando fomos ao Tríduo, ficamos presos num posto de serviço por horas, e apesar de termos todas as razões para ficarmos zangados, não ficamos. Eu, mesmo com esse exemplo, não consigo entender como viver uma circunstância inevitável sem ficar zangado e aceitá-la. Além disso, não consigo entender como viver naturalmente, sem forçar minha atitude.*

Prosperi. Em outro de seus textos, Dom Giussani diz: “As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são um fator essencial e não secundário de nossa vocação, da missão à qual somos chamados” (*L’uomo e il suo destino*, Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 63), ou seja, somos feitos para entender por que estamos no mundo. Com isso, ele não está dizendo que diante de uma circunstância inevitável, que talvez não esteja indo como desejamos, não devemos ficar com raiva. Isso não está excluído.

Você pode até ficar com raiva. O problema é que ainda precisa lidar com isso. Ou seja, você está confrontado com algo que não controla, que não governa, que não pode dominar com suas próprias forças. Concorde?

Participante. *Concordo.*

Prosperi. Então, diante disso, fica evidente que se apresenta uma escolha: ou a realidade é minha inimiga porque a circunstância está contra mim, está me atingindo, ou há algo que ainda não compreendo. Portanto, algo está me pedindo que eu vá mais a fundo. Ir mais fundo em quê? Não é necessariamente em relação à circunstância em si, porque se você está parado no posto de serviço, o problema não é que você precise ir mais a fundo no posto de serviço, mas sim que você precisa ir mais a fundo em seu desejo, no propósito pelo qual está ali. Porque se você parou no posto de serviço, e não pode prosseguir, e percorreu todo o caminho (com o esforço de ir ao Tríduo) e ao longo do caminho há um acidente que te obriga a parar – eu também encontrei um acidente, saí com o carro, fiz um desvio. Mas com os ônibus vocês estavam mais adiante, infelizmente – e você está lá. Então, você chega à conclusão de que ou é uma ilusão – “foi tudo uma ilusão: saí com todas as boas intenções para fazer algo bom, para mim, para minha espiritualidade, etc., e estou aqui, parado no posto de serviço. Então Deus não queria que eu chegasse a tempo para ouvir” – ou sou obrigado a me lembrar, e portanto a me questionar, o que estou fazendo, por que estou indo lá, a qual pergunta quero responder. Talvez eu estivesse indo sem nem pensar muito nisso. Porque sim, parti por uma razão válida: meus amigos estão indo, eu também vou, eles me convidaram; ou porque nas outras vezes foi bom, aprendi algo, vamos ouvir... Mas ali você é posto em crise, em dificuldade, é posto em xeque. Portanto, a primeira questão é que as circunstâncias inevitáveis nos põem em discussão. Veja bem, vivemos numa época em que gostaríamos de ter todas as certezas sem ter de fazer o esforço para alcançá-las, ou seja, sem passar pelas dores, feridas, incompreensões, erros e tudo o que é necessário na vida normal para ter certeza de algo. Pense em quando você se apaixona por uma garota e gostaria de ter toda a segurança de que ela é a certa ou não: “Ela vai me dizer sim? Ela vai me dizer não?” Você gostaria de saber sem arriscar nada, sem ter de pôr tudo o que é, até o fim, em jogo, com o risco de errar, com o risco de ser corrigido. No entanto, é precisamente através desse risco de nossa humanidade que as coisas são mais compreendidas. As coisas mais importantes da vida não são compreendidas por evidência matemática. As coisas mais importantes da vida são compreendidas por conhecimento afetivo, por assim dizer, ou seja, implicam um risco de nós mesmos, implicam uma aposta, implicam um envolvimento, um comprometimento. E o que há de mais importante em nossa vida do que o caminho para o nosso destino? Para seguir o caminho para o nosso destino, é-nos pedido arriscar algo. Na verdade, no fundo, arriscar tudo. Então, no que podemos arriscar? Na verdade, não são tantas as coisas inevitáveis, como uma doença, por exemplo.

A esse respeito, vou contar um episódio: na semana passada, fui visitar nossos amigos nas áreas inundadas. Aquela é uma circunstância inevitável, aconteceu: há pessoas que, em 35 segundos, tiveram suas casas completamente inundadas de água e lama. 35 segundos, entende? Você tem apenas tempo suficiente para subir, se houver, para o andar de cima, correndo. E aí percebe que não é a circunstância, por mais trágica ou incompreensível que seja, que te faz dizer se a realidade está certa ou errada. Porque há algo que tem a ver com a maneira como você olha para a realidade, com a forma como você se entrega ou tenta responder.

Lembro-me de que, quando estava terminando a faculdade – assim, chego ao fim do que eu queria dizer, se vocês acompanharam o raciocínio –, eu tinha de decidir o que fazer, era uma situação semelhante à de vocês, e eu tinha várias opções. Eu fiz Química e tinha oportunidades de trabalhar numa empresa. Eu não tinha nada faltando, mas não levava uma vida especialmente confortável, ou seja, era um pouco difícil chegar ao final do mês. Eu me esforcei muito na Química, uma faculdade muito difícil, embora interessante. Eu sabia que os químicos naquele momento tinham o caminho aberto, salários altos, bastava apenas escolher, eles vinham atrás de você. Mas quando falei sobre isso com Dom Giussani, ele me disse que, para ele, era uma boa ideia eu ficar na universidade para fazer doutorado. Na época, o doutorado significava precariedade, ter de prestar um concurso. Além disso, eu não tinha um professor que me apoiasse, era extremamente difícil passar num concurso com tanta

competição se você não tivesse alguém para te indicar. Então eu não via grandes chances, e mesmo que tudo desse certo, significaria para mim anos de precariedade sem a segurança de poder avançar, além de ter o salário mais baixo entre todos os que estavam se formando comigo. Então, elegantemente, tentei recusar a sugestão: “Sabe, Gius, pareceria uma ideia maravilhosa, na verdade, há alguém do meu curso que quer ficar na universidade, mas eu não, porque não tenho as qualidades”. E ele me disse: “Bem, pense nisso”. Para mim, esse “pense nisso” do Giussani, não sei explicar direito, foi uma circunstância inevitável, devido ao tipo de relacionamento que havia se formado entre nós. De vez em quando, ele mandava pessoas me perguntar se eu tinha decidido ficar na universidade, então, no final, decidi arriscar essa coisa. Mas no fim das contas, foi decidir tentar apostando numa sugestão. Não é que Giussani me pressionou, pelo contrário, na verdade ele nem me perguntou mais nada. Para passar no concurso, tive de estudar em seis meses tudo o que não havia estudado em cinco anos. Então as coisas correram bem, mas eu não estava convencido de forma alguma. Me apaixonei depois, começando a trilhar esse caminho. Uma vez, quando estava terminando o doutorado, deparei com um muro e lembro de ter dito a mim mesmo: “Bem, agora que terminei o doutorado, posso fazer outra coisa”. E então recebi um bilhete de Dom Giussani: “Grato pelo seu doutorado. Avante”. Outra circunstância inevitável.

Ao longo do caminho, tive de enfrentar muitos obstáculos, muitas dificuldades, e em tudo isso não era como se Dom Giussani ou alguém por ele resolvesse as questões por mim, ou abrisse o caminho para mim, tive de enfrentá-las por conta própria. Tive de enfrentar as circunstâncias por mim mesmo, e o fiz porque reconhecia que o que estava fazendo estava concretamente motivado por um relacionamento do qual eu tinha certeza. Eu entendia que Giussani me pedia isso por algo que ele via como útil, na verdade ele me dizia: “Neste momento, a universidade é um ambiente onde é importante estar presente, porque a cultura de hoje faz tudo ao contrário do que fomos educados; é necessário que haja pessoas que vivam uma certa experiência lá onde nossos jovens são educados”. E então eu, que talvez não sentisse naturalmente essa motivação pela universidade, levei a sério. Mas levar a sério significava enfrentar todos os problemas, significava buscar caminhos com as ferramentas que eu tinha, porque ele não era um químico, não sabia nada sobre esse assunto. Tive de encontrar as pessoas às quais pedir ajuda; enfim, tive de levar esse caminho a sério, porque entendia que, para realmente seguir esse conselho, eu tinha de levá-lo a sério para mim mesmo, senão teria enlouquecido fazendo as coisas apenas porque outra pessoa me dizia. Eu tinha de conquistar as razões por mim mesmo. Então, vivi tudo isso questionando-me a cada momento o que me estava sendo pedido, como vocês dizem, através das circunstâncias que me aconteciam, e ao responder, percebi que justamente as circunstâncias me ajudavam a compreender, dia após dia, situação após situação, aquilo a que eu era chamado.

Eu contei isso para lhes dizer que o nosso problema é que sentimos as circunstâncias dadas (que não somos nós que criamos) ou inevitáveis (quando são inevitáveis) como problemáticas, no sentido hostil do termo, pois não nos sentimos enviados por ninguém. Porque se você é “enviado” para uma determinada circunstância, enfrenta todas as dificuldades que surgem consciente de que está respondendo a alguém presente em sua vida. Não é apenas o problema de superar a circunstância. E se a circunstância, em algum momento, lhe sugerir que você precisa mudar de caminho, então você o fará, mas será a fidelidade a esse relacionamento que o ajudará a compreender. No meu caso, eu fui enviado por uma pessoa, mas em última instância somos sempre enviados por aqueles que nos chamam para a realidade. Esse “Tu” que nos envia pode assumir o rosto de uma pessoa, de amigos, de uma intuição que você tem, pela qual você deve pedir ao Senhor que o ilumine para ajudá-lo a entender mais, e você deve seguir os sinais. É assim: especialmente quando as coisas não estão claras e parecem muito contraditórias, devemos prestar mais atenção aos sinais. Contaram-me, eu também disse isso ao falar com os amigos de Lugo di Romagna, que uma vez Dom Giussani usou esta imagem: quando alguém viaja na neblina, para poder chegar ao destino sem bater, deve prestar mais atenção aos sinais do que quando o sol brilha. Por quê? Porque há neblina. Quando você está mais confuso, talvez veja menos sinais, mas deve apegar-se aos que vê. Ao passo que, muitas vezes, temos vontade de dizer: tem neblina, vou parar. Lembro-me de uma vez que estava voltando de Turim com Giancarlo

Cesana, eu estava dirigindo devagar porque havia uma neblina tão densa que se enxergava a dez metros, e ele me disse: “Encoste, você não é desses que dirigem na neblina”. Ele enxergava pouco, e para ele, dirigir com neblina ou em condições normais era mais ou menos a mesma coisa, porque estava acostumado a prestar mais atenção aos sinais. É isso, precisamos nos ajudar a aprender a prestar atenção aos sinais. As circunstâncias inevitáveis são sinais importantes, mas, como todos os sinais, apresentam um problema: precisam ser interpretados.

Severgnini. Agora há duas perguntas que resumem muitas contribuições que foram recebidas. E elas retomam um trecho de Giussani em *A voz única do ideal*: um dos critérios para a escolha é o bem da sociedade, da Igreja, enfim, do Reino dos céus.

Participante. *Quando li a seção sobre vocação como escolha profissional em A voz única do ideal, página 40: “Como poderei eu dar-me com o que sou, como poderei servir mais o todo, o reino, Cristo?’ Este é o único critério educativo da personalidade humana tal como a Luz e a força do Espírito de Cristo a redimiram”, eu fiquei surpreso, porque nunca pensei em ter de escolher meu caminho pensando no bem da sociedade e da Igreja. Na verdade, pensava exatamente o contrário. Esse pensamento ficou voltando à minha mente o dia todo. Mas então me lembrei de algo que aconteceu durante a viagem de volta do Tríduo, que é que a realização da vida é dar glória a Deus e não a mim mesmo. Ouvi e cantei muitas vezes o Non nobis naquela viagem. Então me pergunto: como essas duas coisas se conciliam? Eu quero ser matemático, mas a Igreja, neste momento, e portanto a glória de Deus, precisa de um matemático? Deveria fazer algo diferente, que talvez não me realize como ser matemático? É possível dar glória a Deus e ao mesmo tempo fazer o que faço de melhor, ou essas duas coisas estão em contradição?*

Severgnini. Vamos ouvir mais uma pessoa.

Participante. *Quando ouvi pela primeira vez os critérios propostos em A voz única do ideal, o terceiro critério – as necessidades da sociedade (p. 40), ou melhor, “a necessidade da comunidade cristã” – me impactou e me fez questionar muito. Naquela época, eu estava no quarto ano do ensino médio e ainda estávamos lidando com a situação da Covid. Como eu tinha interesse em anatomia, que estava sendo abordada nas aulas de ciências, pareceu-me a coisa mais óbvia dizer: vou estudar Medicina. Com o tempo, essa ideia se dissipou e voltei para a minha intuição inicial, ou seja, o campo artístico, em particular o design de interiores. No entanto, frequentemente me questiono como posso ajudar as necessidades do mundo e da Igreja, assumindo que eu tenha compreendido quais são essas necessidades, ao trabalhar com decoração de casas.*

Prosperi. Como eu disse após a primeira colocação, surpreende-me que vocês se questionem dessa maneira, ou seja, que dentro do horizonte de seus interesses esteja a vontade de compreender o bem do mundo e o bem da Igreja, porque isso não é de forma alguma óbvio. Para vocês, é realmente assim? Vocês dizem isso apenas porque está escrito no folheto, ou realmente acreditam nisso? Porque, se realmente acreditam, é algo grandioso, e não tenho motivo para não acreditar que vocês realmente acreditam, porque caso contrário não sairiam dizendo isso, suponho. É algo grandioso, porque normalmente as pessoas têm em mente apenas o próprio interesse pessoal. Para ter isso como horizonte da vida, algo grandioso deve ter acontecido. Portanto, a primeira questão é tomar plena consciência desse algo grandioso que aconteceu em nossas vidas, porque a partir daí não devemos nos separar mais. Não importa o que aconteça: tempestades, tempos difíceis, mas a partir daquela rocha, não devemos nos separar.

Não é que a Igreja – não sei que ideia você tem da Igreja, o que você pode pensar como “a Igreja” – ou o Papa venham te dizer se a matemática ou o *design* de interiores são úteis ou não, mas o fato de você ter essa preocupação fará com que você estude *design* ou matemática de maneira diferente. Ou seja, a verdadeira questão é você não perder essa preocupação, não perder essa tensão, não perder esse desejo de servir algo maior, de servir ao todo. Por que Giussani usa essa expressão? Por que está

escrito isso no livreto de Carrón que vocês leram? Por causa de um olhar completo sobre o humano. Porque alguém que está à frente de vocês, que viveu o que vocês estão vivendo, sabe – e eu posso dizer isso também – que muitas coisas que podem ser feitas, pensadas, pelas quais se gasta tempo, energia e até dinheiro, no final convergem para uma única pergunta: tudo isso foi útil? Serviu para algo? Para que serve o que faço, a maneira como faço, pelo que dedico minhas energias e meu tempo? Então, o motivo pelo qual Giussani diz isso é que ele sabe que devemos viver por um grande ideal, maior do que o perímetro de nosso próprio interesse pessoal, ou seja, por um ideal que seja um serviço à totalidade, ao propósito final, ao propósito pelo qual todos vivem, mesmo aqueles que não percebem. Com o tempo, isso faz crescer a certeza da utilidade de nossa vida. A forma como isso se realiza (justamente porque em nós há, em primeiro lugar, uma pergunta se nossa vida pode ser útil) deve ser uma disponibilidade para o modo como Aquele que nos quer, onde nos coloca, nos pedirá para realizar, para contribuir com a Sua obra. É, antes de tudo, uma disponibilidade nossa, não devemos imaginar nós mesmos algo, nem excluir ou adicionar nada.

O exemplo da minha experiência sobre a escolha de trabalho, que mencionei antes, foi de uma disponibilidade a uma pessoa, mas pode ser uma disponibilidade que surge através do que você escolhe fazer, quer como *designer*, quer como matemático. Não é indiferente se uma pessoa faz uma escolha com essa pergunta, porque, nesse caso, em tudo o que faz, procurará não apenas obter um benefício para si mesmo, mas levar em consideração o todo, fazer o que fizer para a glória de Deus. Assim, será diferente a maneira como você vai fazer “aquela” coisa, será diferente a maneira como tratará as pessoas, será diferente tudo.

Portanto, é, antes de tudo, uma abertura para o ideal da vida que nos põe na disposição, na postura humana de aderir ao que a Igreja, ou seja, o corpo de Cristo, ou seja, essa companhia, nos pede. Então, em alguns casos, também pode chegar a nos pedir coisas específicas. Eu dei um exemplo, Seve pode dar outros, porque fui eu quem pedi a ele que voltasse da África. Ele esteve na África por dez anos e agora veio aqui porque ele é necessário para outras coisas. Mas, atenção, não é que alguém acorda de um dia para o outro – em alguns casos acontece, mas normalmente não é assim – e vive serenamente, pacificamente essa disponibilidade. É dentro de um caminho que aprendemos, dia após dia, num relacionamento contínuo com essa presença – que se concretiza em nossa companhia, na vida da Igreja, no mundo, em sua classe, na maneira como são chamados a ser vocês mesmos por causa do que aconteceu em suas vidas – que dia após dia essa disponibilidade se alimenta até tornar-se uma disponibilidade total. Portanto, em algum momento, a pessoa se esclarece sobre o que lhe é pedido naquele momento ou para toda a vida. Pensem nos que vão se isolar num mosteiro: eles o fazem apenas porque, dia após dia, em algum momento ficou claro para aquela garota ali, para aquele rapaz ali, que essa era a forma pela qual essa total disponibilidade lhes era pedida. É a mesma coisa para cada um de vocês, para cada um de nós. E então a pessoa acaba indo para um mosteiro, porque lhe é pedido que reze por nós, para que possamos estar presentes no mundo de outra forma, e é por isso que precisamos de alguém que sustente nosso cotidiano. Eu preciso ser apoiado no que me é pedido hoje por todos aqueles que conseguem fazer o que eu talvez não consiga fazer. A outro é pedido que ensine matemática ou que decore a casa do vizinho, tanto do que paga quanto do que não paga, ou do afetado pela inundação cuja casa precisará ser reconstruída. Enfim, viver para o ideal, começar a viver para o ideal agora, é o caminho pelo qual aprendemos essa disponibilidade, através da qual Deus poderá fazer grandes coisas na nossa vida.

Participante. *Olá. Tenho duas coisas para dizer. Tenho medo de não passar no exame de Medicina e, assim, pergunto-me como é possível não olhar para outra faculdade apenas como uma alternativa. Como posso realmente saber se a Medicina não é o meu caminho, se eu não passar na prova? E, neste caso, seria uma circunstância contingente ou não? A segunda questão diz respeito ao texto na parte sobre vocação como estado de vida, onde diz que essa pessoa serve para abrir-se à totalidade do mistério. Isso me interessa, mas minha pergunta é: é necessário estar namorando para se abrir assim ao Mistério?*

Prosperi. Namorando? Não, eu não estou namorando, sou casado. Acredito que ele também não tenha namorada, mesmo não sendo casado. Eu te diria três coisas. A primeira é a seguinte: se você deseja algo, deve se comprometer verdadeiramente com isso. Não somos fatalistas, não é como se o Mistério agisse sem que nós nos dediquemos completamente, ou seja, sem que nos arrisquemos de verdade. Como mencionei antes, compreendemos as coisas com mais clareza, inclusive o valor que elas têm para nossa vida, quando estamos dispostos a arriscar para conquistá-las. Portanto, você deve prestar o exame de Medicina, deve se dedicar aos estudos, buscar ajuda, encontrar todas as maneiras de se preparar da melhor forma possível, pedir ajuda se precisar. Em resumo, precisa se empenhar ao máximo. Esta é a primeira questão. Porque é assim que se entende se nossas perguntas são verdadeiras. Uma pergunta verdadeira é uma pergunta que envolve toda a sua humanidade. Porque, dessa forma, a resposta torna-se mais certa, seja ela um sim ou um não. Somente assim você terá certeza, sem a dúvida de não ter realmente jogado o jogo. Depois, é verdade, as coisas podem seguir um caminho ou outro.

Esta é a segunda coisa: vou lhes contar como escolhi a faculdade. Vocês devem saber que tenho uma grande paixão que é o alpinismo, a escalada. Na verdade, agora estou me preparando fisicamente porque neste verão gostaria de tentar um desafio. No ano em que me formei no ensino médio, decidi, junto com um amigo meu, abrir uma variante da crista do leão no Monte Cervino, então me preparei o ano todo, inclusive no inverno, para essa escalada, pois escalar acima dos 4.000 metros requer um treinamento especial. Na época, decidi fazer Engenharia, então estudei muito para o exame, porque naquela época (agora não sei bem como é, aliás, sei que ainda há um exame de Engenharia) era muito, muito seletivo, e então estudei muito para o exame de admissão. Acontece que fui fazer uma peregrinação a Czestochowa para pedir à Virgem Maria que me iluminasse, porque nesse meio tempo surgiram mil perguntas, mil dúvidas, muitas coisas aconteceram. Eu tinha um relacionamento, terminei com a namorada, encontrei outra, então tinha uma grande confusão na minha cabeça. O que aconteceu? Fui a Czestochowa, estava acontecendo a Jornada Mundial da Juventude com o Papa João Paulo II, então fiz a peregrinação com o Papa. Ao voltar da peregrinação, estava pronto para a escalada, as datas do exame foram divulgadas, que coincidiam com os únicos dias – de fato, as previsões do tempo indicavam três dias de bom tempo em agosto em Cervínia – nos quais eu poderia tentar a escalada; então eu precisava decidir se fazia o exame ou tentava a escalada e desistia de todo o caminho de engenheiro que eu tinha imaginado para o resto da vida. Fui fazer a escalada, então nada de exame de Engenharia. E acabei estudando Química! E depois, a partir daí, muitas coisas aconteceram na minha vida, e agora estou aqui te dizendo estas coisas. O que quero dizer? Sim, há todo o seu empenho, mas depois, como mencionei antes, também é preciso prestar atenção aos sinais. E os sinais, mais uma vez, envolvem a nossa humanidade, quem você é. Eles nunca te obrigam. Por isso que eu disse antes que eles devem ser interpretados, porque os sinais indicam, sugerem, mas ao mesmo tempo é você quem decide o que deseja seguir.

Terceiro aspecto, também em relação ao exemplo que mencionei: não devemos ter medo de que uma escolha errada arruíne nossa vida para sempre, porque isso significa nos concebermos sozinhos, significaria que o ideal não existe mais. Pensando dessa forma, no final, o ideal se torna algo pelo qual estamos dispostos abstratamente a dar tempo, energia heroica, mas no concreto, o que importa é apenas o nosso cálculo. Mas não é assim, você se esforça ao máximo e, em algum momento, as coisas se esclarecem. Siga em frente, você vai errar, vai cometer erros; paciência, você se corrigirá. E se não pudermos voltar atrás, seguiremos em frente pelo caminho que escolhemos e, assim, poderemos encontrar outros sinais. Por quê? Porque não estamos sozinhos! Se estivéssemos sozinhos, nossos erros seriam uma condenação; mas não estamos sozinhos, então podemos continuamente recomeçar, retomar e, através desse recomeço contínuo, nosso caminho vai ficando claro. Porque o caminho pode ser reto ou cheio de curvas, mas o importante é chegar. Foi-nos dito: você está no caminho e o destino está aí, porque o destino caminha com você. O destino caminha com você, você não está sozinho; o destino não é apenas o ponto de chegada e, se você perder a saída, está acabado. Ele caminha com você; se você erra a saída, sempre pode voltar. Essa é a certeza de que precisamos, porque nos torna seguros na jornada. Há uma companhia que nos assegura isso, porque o destino se manifesta numa

companhia à qual você pode sempre recorrer, da qual você pode obter ajuda. Está tudo confuso? Pergunte, peça aos mais velhos, aos seus amigos. Não se conceba sozinho, porque, se fizer isso sozinho, no final, o cálculo vencerá. Em vez disso, dentro de uma companhia que se preocupa com o seu destino, com o seu bem, que quer que você seja feliz, o que vence não é o cálculo, o que vence é o bem para você. Então, dê o seu melhor; e se você não passar na prova, veremos. Se não passar na prova, não poderá fazer Medicina, isso é óbvio; não poderá fazê-lo este ano, depois veremos. Mas você vai conseguir, vá em frente!

Severgnini. Encerramos com uma última pergunta, que também é um testemunho, porque fala desse relançamento no mundo como uma missão, do qual você estava falando, e também como amizade no mundo.

***Participante.** Olá. Algumas semanas atrás, os adultos dos Colegiais nos convidaram para uma reunião de apresentação do trabalho sobre O senso religioso realizado por um universitário, e fiquei muito impressionado ao perceber no que ele dizia, ou seja, no método proposto pelo Dom Gius, o método com que sempre fui educado. Mas principalmente, enquanto eu ouvia, pensava em como contaria isso a todos os meus colegas de classe, ou seja, esse coração, esse senso religioso, que parecia um termo um pouco absurdo, esse coração do qual ele fala é realmente o mesmo de todos os homens. No entanto, estou na sala de aula e parece que ninguém se interessa pela novidade que eu encontrei. Ou seja, nestes cinco anos, recebi muito da minha escola, principalmente dos meus amigos dos Colegiais, com os quais uma grande amizade cresceu ao longo dos anos, precisamente porque nasceu nos corredores, ou seja, porque está presente fisicamente onde cada um de nós tem mais dificuldade. E a graça que recebi ao encontrá-los me permite todos os dias ser livre do meu desempenho, livre das notas e da ansiedade de desempenho. Porque todos os dias tenho rostos que testemunham que sou amada. No entanto, precisamente por causa do que essa companhia me ensinou, nunca me contentei em ficar no intervalo, viver no intervalo, viver à tarde e fechar os olhos para as seis horas na sala de aula. E, portanto, frequentemente me pergunto: como é que uma amizade, como a com os amigos dos Colegiais pode ser verdadeira se isso acaba me tornando impaciente com meus colegas que são minha rotina diária? Ou seja, como pode ser verdade o que encontrei se meus colegas parecem não se importar com nada disso? E como pode ser verdade se vejo que uma colega minha está arrasada pela ansiedade e não posso fazer nada para ajudá-la? Agora, que estou prestes a terminar, um pouco me escandaliza não ter encontrado uma resposta para essas perguntas. Mas não posso deixar de reconhecer que estou diante de pessoas para as quais a história que também encontrei muda a vida delas todos os dias.*

Prosperi. Legal! No entanto, diante do fato de que os outros não reconhecem isso, você deve se perguntar se isso faz te questionar o que é verdadeiro para você. Pelo que você contou, não é assim. E isso já é algo significativo, porque significa que há algo em nossa experiência que começa a se tornar uma certeza. Mas nós não devemos, por isso, parar de desejar que Cristo seja conhecido por todos. Simplesmente não devemos medir o encontro com Cristo pela forma como os outros respondem a nós. É pedido a nós que vivamos lealmente, até o fim, integralmente, de maneira totalizante, a experiência cristã. O que acontecerá na vida dos outros é um mistério que diz respeito à relação da liberdade de cada um com Deus. Então, em que consiste a missão? Vamos usar esta palavra – missão não consiste apenas em ir para a África, como Seve fez, ou vir da África para a Itália, porque agora os missionários precisam vir para a Itália da África –, porque a missão começa com o que dissemos antes, com a consciência de ser enviado para dentro da realidade. Não começa apenas por estar dentro da realidade, uma vez que você ainda precisa ir à escola, precisa fazer as coisas, mas vai à escola, faz as coisas com a consciência de que está sendo enviado por alguém. E isso é diferente. Dizer que você é enviado significa que você foi escolhido, ou seja, que sua vida tem um grande propósito, que entre muitos você foi escolhido, de alguma forma preferido. Ainda naquele encontro com as vítimas das enchentes, uma mulher me perguntou: “Mas afinal, estou lá cavando exatamente como todos os outros, tenho as mesmas perguntas que todos têm, vêm os amigos que nos

ajudam e ajudam os outros. Onde está a diferença em ter uma experiência como a minha, ou seja, em ser cristã?” Está nessa consciência. Não é que você não tenha as mesmas perguntas que os outros ou não sinta a mesma raiva que os outros, porque quando você passou o dia removendo lama de todos os lugares, conseguiu removê-la, mas ainda há lama lá embaixo no porão e você vai lá, então tenta limpar o vidro do chuveiro, ele se solta e se despedaça, e você chora a tarde toda por causa disso, por uma explosão de nervos depois de ter passado o dia limpando. E aí? Não é que, se Jesus existe, então você não chora, não fica com raiva, você é um extraterrestre. Não está no que se vê, mas sim na consciência de ser escolhido.

Você estava falando sobre performance, porque pensamos que a glória de Deus é vista pela medida em que somos capazes de realizá-la. Não, ela é vista, antes de tudo, pela nossa disponibilidade, como mencionamos antes. Toda a história da salvação diz isso. Toda a história da Bíblia, de Abraão em diante, é uma história de “sins” ditos por um, por outro, para fazer uma coisa, para fazer outra. É o motivo por que estamos aqui hoje. A história de Gideão, nos últimos dias falei sobre ela várias vezes em diferentes contextos, porque essa pergunta sempre surge em todos os lugares. Vocês sabem quem é Gideão? Não, vocês não sabem. O Antigo Testamento não é estudado tanto assim. Enfim, existem histórias interessantes. Gideão era o menor dos filhos de Joás (cf. Juízes capítulos 6-8). Tinha havido um longo período de quarenta anos de paz, até que, em determinado momento, os pagãos (os madianitas), que adoravam ídolos (os baalins), conquistaram a terra de Israel e começou a opressão. Então, houve anos e anos de opressão sob eles. Então, os israelitas dizem: “Mas, Senhor, onde está toda a paz e liberdade que nos prometestes?” Então Deus escolhe este rapaz, Gideão, numa das pequenas vilas das várias tribos de Israel, para liderar Seu povo. E Gideão lhe diz: “Mas como? O que posso fazer? Eu não sou nada, eu não sou ninguém. Se eu for até os outros israelitas das outras tribos, eles vão me dizer: ‘Quem você pensa que é?’” Deus responde a ele: “Eu estou contigo”. E então ele vai. O diálogo com Deus continua e Gideão pede por sinais. Muitas vezes, não chegamos a pedir por sinais. Paramos antes e dizemos: “Não, é impossível, ninguém está me respondendo”. No entanto, ele pede por sinais concretos. E Deus o atende: por exemplo, envia um anjo que faz surgir fogo da pedra onde ele colocou carne e pão e os cozinha. Gideão ganha coragem e segue em frente. Quando Deus, a certa altura, lhe diz que reúna um exército para lutar contra os opressores, Gideão o faz: eles são contados e são 32 mil, enquanto os inimigos são 135 mil. E Deus lhe diz: “O povo que está contigo é numeroso demais [...]. Israel pode vangloriar-se diante de mim e dizer: ‘Minha própria mão me salvou’”. Assim, restam 10 mil, mas ainda é muito para Deus; no final, apenas 300 seguem Gideão. A história continua, leiam, é linda. Gideão vai. E vence. Então querem fazê-lo rei, mas ele recusa, para que fique claro para o povo que a vitória não é dele: “Eu não vos governarei [...]: o Senhor vos governará”. Começa o tempo dos juízes e haverá paz por quarenta anos, etc. Toda a história da salvação é assim. Jesus enviava os discípulos dizendo-lhes: “Ide, não vos preocupeis em levar bastão, estudar o que dizer ou fazer. Levai o que tomou vossas vidas. Sede vós mesmos no meio do mundo”. É isso, eu acredito que o que muda é a consciência que temos de ser escolhidos em tudo o que vivemos. Então faça o que puder e peça. O Senhor fará. Por hoje é só.

Severgnini. Obrigado. Nós sempre somos enviados por Aquele que nos chama dentro da realidade. Muito obrigado, Davide.

Prosperi. Obrigado eu.

Severgnini. E obrigado pelo testemunho e pela urgência de vocês. Obrigado a todos, também aos conectados.